



R

Onair Nunes

Disse o Profeta: Para saber olhar o futuro é preciso saber olhar o passado.

O Ex-Governador e candidato derrotado a Presidente da República com votação no mesmo patamar do Cabo Daciolo tentou atrair o ex-Prefeito de Santos, Paulo Alexandre Barbosa, que recusou, decidindo permanecer no PSDB. O Ex-Governador e candidato derrotado a Presidente da República está pavimentando caminhos?

Um Vice-Presidente da República não tem de ter equipe própria; nas ausências do Presidente ele trabalhará sempre com a equipe do titular do cargo e, pela natureza da função, deve em todas as circunstâncias colocar-se em segundo plano ou desempenhar os papéis a ele reservados pelo Presidente. O discurso de celebração da sua inscrição no novo partido foi preocupante; o cacete de vice-presidentes reclamarem protagonismos já nos causou problemas graves. Vices protagonistas costumam constituir-se problemas insolúveis para o Presidente, vezes até contribuindo para a sua destituição desmotivada, ensina-nos a História.

De outro modo, as manifestações do ex-Presidente Luís Inácio no sentido de haver mudado, assim como o Sr. Alekmin e o Brasil, ajudaram muito pouco ou quase nada na compreensão da matéria, de vital importância. Com relação a si mesmo, o Sr. Luís Inácio mencionou a barba e os cabelos, absolutamente irrelevantes com vistas à Presidência da República; sou mais como piada do que qualquer outra coisa, de péssimo gosto, diga-se de passagem. Nada disse com relação ao seu provável companheiro de chapa, que, até onde se pode alcançar, apenas mudou de partido pela absoluta impossibilidade de sua indicação a candidato à Presidência, posição partidária rigorosamente lógica a considerar-se sua desastrosa performance nas últimas eleições presidenciais. Somente que, por esses atalhos que a vida às vezes propicia, o vice tem reais possibilidades de tornar-se Presidente. Não foi o que aconteceu com a vice-presidência da Sra. Presidente deposta? O comportamento do provável candidato a vice, desfilando-se do seu Partido anterior pelo motivo que o fez quando o dever partidário exigia o seu total acatamento, e o inteiro teor do seu discurso de ingresso no novo partido oferece algumas leituras para lá de preocupantes. Ele, na essência, continua peemedebista, sintomática a estrutura do seu pronunciamento, além da citação do falecido governador Covas, um peemedebista de quatro costados, quer a Presidência e a vice pode ser o atalho para levá-lo a ela. Nesse clima, as tentações, enormes, estão latentes, com reais possibilidades de se tornarem reais e incontroláveis. Não foi o que o que, por vias transversas, aconteceu com a Sra. Presidente deposta? E quanto ao Brasil haver mudado, bem..., deixa pra lá!

Será que o candidato majoritário nas pesquisas de intenção de voto à Presidência não está brincando — a referência à barba e aos cabelos autoriza a ilação — com fogo e o país e sua população é que podem acabar se queimando? Mais uma vez?

Repassemos a História:

Conforme FreshNews 6, publicado aqui no blog em 30 de Agosto de 2015, as epopeias, os grandes romances, têm um componente pessoal bastante acentuado. Desde um fato corriqueiro até acontecimentos importantes, dependendo de quem os reporte, de quem os descreva, romanceando ou comentando tecnicamente, os mesmos fatos se podem apresentar com tintas das mais esmaecidas e sem graça às mais vibrantes e espetaculosas. Depende muito da imaginação ou das razões que determinem a sua forma romanceada ou o seu relato frio e direto. Fosse Romeu e Julieta escrito por um panfleteiro de feira-livre ou ocasionalmente narrado por uma pessoa prática, direta e sem queda ou atributos para o romance, admitindo-se que tenha pelo menos laivos de veracidade, provavelmente o acontecido ficaria entre as donas de casa mais preocupadas com o jantar do marido e filhos do que com literatura de modo geral, ou no círculo restrito da família e amigos mais íntimos, como ocorre geralmente nas doenças mais graves, sobre as quais normalmente não se fala.

O Brasil não vai acabar por causa de 2 meses seguidos de PIB negativo, em regra admitido pelos técnicos como sinais recessivos, cujos ciclos, uma vez instalados, estatisticamente falando, giram em torno dos 6 meses.

Na sequência mais recente de governos, tivemos a profunda recessão de 1998-1999. Uma forte desvalorização do Real e a moratória Russa de 1998 refletiram-se no todo da Economia; o PIB recuou 1,6%, contração próxima à de agora, 1,9%. As alíquotas do CPMF foram majoradas, o Cofins foi aumentado e “truculência” legal-fiscal foi praticada; depósitos judiciais em garantia de questionamentos fiscais foram simplesmente apropriados. Tecnicamente falando, o nome disso é confisco. Vivíamos uma época em que o FMI, cuja insensibilidade e desacertos dispensam comentários, ditava as regras na Economia, o país era administrado de fora para dentro.

Os inativos foram alvo de investidas para cobrar-lhes contribuição previdenciária, socialmente injusta e sem previsão legal, jamais cogitada e democraticamente rechaçada e fracassada. O governo, incapaz e sem imaginação, foi ao FMI, resultando a ajuda-grilhão em função da qual, a cada mês, desembarcava por aqui um grupo de auditores para fiscalizar as nossas contas. Espionagens eram desnecessárias, a vida brasileira, sob todos os aspectos, era continuamente escancarada; quase mensalmente o Ministro da Fazenda, pastas debaixo do braço, viajava para o Norte, relatórios e oitiva de instruções em sua pauta. Não eram circunstâncias, digamos, muito honrosas. Soberania? Sei lá, o que você acha?

Em Dezembro de 1998 dependíamos quase exclusivamente de empréstimos externos; as transações correntes atingiram USD34.945 bilhões, correspondente a 4,48% do PIB. Somente para pagar o serviço da dívida externa, o país desembolsou USD21.279 bilhões; em 1997 já havíamos pago USD17.289 bilhões, USD12.095 bilhões só de juros. Das nossas minguadas reservas foram consumidos USD8.492 bilhões. A política adotada pelo governo provocou absoluta dependência externa da Economia brasileira. Os juros pagos subiram de 16 bilhões de Reais em 1995 para 84 bilhões de Reais em 1999. Nesse passo, o crescimento médio anual do PIB entre 1991 e 1999 foi de 2,36%, praticamente a mesma taxa do crescimento demográfico; os economistas chamaram a isso a década perdida. Éramos um país de coitadinhos desesperançados que não mandava em si próprio.

Indispensáveis, ajustes no Plano Real foram ignorados por serem impopulares, o governo lutava por reeleger-se. Os resultados não tardaram, as altas taxas de juros e o enganoso câmbio supervalorizado foram mantidos; nossas reservas internacionais perderam mais de USD30 bilhões. Não obstante o quadro caótico, a dívida externa e o risco cambial foram estatizados; agravada a crise cambial, bancos e instituições de crédito em geral ficaram livres das suas obrigações em moeda estrangeira e do risco cambial. O contribuinte pagou a conta do banqueiro.

Todas as recessões começam e acabam com o mercado. Entenda o processo, simplificando:

A atividade econômica começa a encolher, a população gasta menos, o comércio perde força, as fábricas produzem e vendem, vão-se os empregos, as contribuições previdenciárias, os impostos; resultado, o governo perde recursos, enfraquece, os oportunistas de plantão carregam a mão nas críticas. Agora entenda a origem: Some, ou some-se, com o dinheiro do mercado, as taxas de juros disparam quando o deficit se instala, juntamente com apetites e medo em todos os setores da economia, a cotação das moedas estrangeiras eleva-se. Muita gente ganha dinheiro com isso.

E como a recessão vai embora? Mesmo que nada seja feito, até porque, nesse quadro, há muito pouco a fazer além de lutar para manter o barco na tona, barco esse que algumas figuras insistem em torpedear, chega o momento em que os donos do dinheiro, os mesmos que sumiram com ele do mercado, por estas ou aquelas razões, entre elas algumas condenáveis, decidem que é hora de o recolocarem no sistema financeiro, com reflexos na atividade econômica; então, como quem não quer nada, voltam com ele ao mercado e a recessão acaba aparentemente por si mesma. Não é bem assim, acaba pelas mãos de quem a começou e, se assim não fosse, não estaríamos aqui para assistir o fim das que se foram e dessa que também se irá naturalmente.

A receita? Resista! E olho no mercado, esse pessoal sabe tudo, provoca tudo e salva tudo o que tiver qualquer sabor econômico, às vezes político, quando quer, quando lhe for conveniente ou fizer parte de suas políticas. Em matéria de Economia o governo é quase um coadjuvante, por isso, para sustentar-se, precisa criar mecanismos que o ajude nas crises, firmar parcerias com quem tenha os olhos nos mesmos horizontes, assegurar-se da criação de fontes financeiras fora das clássicas origens do dinheiro escravocrata, que cobra, além de juros substanciais, o preço da dignidade de toda uma população. Confortos e comodidades sem honra só servem a quem não tem muita intimidade com ela.

Transcreve-se o parágrafo final de FreshNews 2, publicado em 02 de Agosto de 2015:

Não há fundamento legal para impeachments, a Polícia, o Ministério Público e o Judiciário estão desempenhando o papel que lhes cabe. Sosseguem. Pergunte a um Americano médio se as desgraças de toda ordem abatidas sobre o seu país o fizeram desistir dele ou leva-lo a atitudes que o pudessem prejudicar. A resposta provável: Precisa trocar a bandeira estrelada e de listras na frente da minha casa por uma nova, mais bonita e inspiradora; é nos momentos de crise que me sinto mais Americano e desejoso de ordem. Pergunte a mesma coisa a um Francês. A resposta, seguramente: Vive la France!!!

Transcreve-se o parágrafo final de FreshNews 1, publicado em 19 de Julho de 2015:

O ex-presidente Luis Inácio (...) não está isento de responsabilidades se, devidamente provado, cometeu as falcaturas insinuadas ou noticiadas; seu filho é um cidadão comum, em face da lei e dos tribunais um pobre mortal sujeito ao foro geral, onde são processados do ladrão de galinhas ao criminoso do colarinho branco do mais alto bordo. E há de se acrescer que, sendo necessário a quem imputa crimes a posse de provas que corroborem suas imputações, sonégá-las implica associação criminosa, conluio, convivência, negar à Sociedade vê-los punidos, além de obstrução ao sistema legal ao impedir as instituições de cumprirem o seu papel constitucional investigatório, fiscalizador e aplicador rigoroso da lei. Criminoso não é somente aquele que transgredir direta e materialmente a lei, é também aquele que compactua com o crime ao subtrair provas e esquivar-se de sua denúncia formal. Ou quem, sem provas, imputa crimes a alguém. Quem imputa assume responsabilidades, pode e deve ser notificado, convocado sob as penas da lei a exhibir as provas de suas imputações. Se não as exhibir deve ser punido, com o rigor da lei. A Sociedade não pode ser indulgente com maus elementos que lhe tiram a paz e comprometem sua estabilidade e higidez.

Transcrevo o penúltimo parágrafo do meu artigo postado neste blog em 14 de Julho de 2014:

Os advogados exercem o seu múnus com os olhos e a consciência pessoal e profissional postos no Artigo 133 da Carta da República. Neste diapasão, têm em mente, antes de tudo e como meta, que fazer justiça implica estrita observância do devido processo legal, que não admite insinuações desinformadas e acusações sem provas e sem a abertura do contraditório. Acusação sem prova e sem a oportunidade do contraditório não é acusação, é futrica.

Queira ver os artigos de 11 de Janeiro de 2012, 05, 19, 26 de Abril e 03 de Maio de 2015.

